

# Reparar a nave e mudar a rota, sugere Furtado

"Na situação de relativo desgoverno em que se encontra presentemente a economia brasileira, a percepção dos fins está obliterada pelas fricções internas do sistema" — advertiu ontem o professor Celso Furtado, da Universidade de Paris, ao falar sobre "A política de médio prazo e a questão social", no seminário promovido pelo *Jornal da Tarde* e o Instituto Roberto Simonsen. O professor acredita que "para sair-se dessa crise deve-se enfrentar a difícil tarefa de reparar a nave ao mesmo tempo em que lhe é retificada a rota".

Celso Furtado observou que, na sua opinião, "é de evidência meridiana que a taxa de poupança disponível para o investimento deve ser elevada" e que "o nível de investimento necessário para que a economia não deslize numa recessão somente pode ser mantido mediante inflação e endividamento externo".

Contudo, para ele, "a dívida externa não vai ser paga com o aumento a curto prazo das exportações, mas com o desenvolvimento da economia no correr dos anos". A curto prazo, sugere que se freie o processo de endividamento e se renegociem as condições do serviço da dívida — objetivos que, segundo ele, poderão ser alcançados "sem submissão a uma tutela externa, que é tanto mais daninha quanto pretenda ocultar-se por trás de uma suposta racionalidade tecnocrática, como acontece com aquela exercida pelo Fundo Monetário Internacional".

Nos debates, Celso Furtado voltou a falar de recessão e de inflação. Criticou aqueles que vêem na inflação um fenômeno essencialmente monetário, que pode ser corrigido sem modificações na estrutura do sistema — o que significa "ignorar as consequências a mais longo prazo da política inflacionária: recupera-se o equilíbrio mediante a subutilização da capacidade produtiva, com um custo social elevado".

A inflação é, para ele, uma "forma de obter-se poupança forçada sacrificando a massa da população e certos segmentos da classe média". A recessão — cujo custo social não é menor — conduz indiretamen-

te a resultado similar, mediante a baixa do nível da atividade econômica, observou.

Celso Furtado advertiu para o perigo do "poderoso" recurso de se utilizar a recessão como instrumento econômico — só adotado nos países desenvolvidos, que têm um sofisticado sistema de proteção dos assalariados, não os largando ao abandono.

## DESEMPREGO

O desemprego brasileiro foi, aliás, o tema central dos debates. O economista Roberto Macedo, da USP/SP disse, ironizando o governo, que recessão "é quando o vizinho está desempregado e, depressão, quando a gente perde o emprego". Está agora — disse — esperando ver o governo ser demitido para reconhecer a depressão brasileira. Segundo ele, o Brasil precisaria criar mecanismos de defesa aos desempregados, como o auxílio-desemprego. Reconheceu que se levasse o problema ao ministro Delfim Netto ele provavelmente lhe explicaria ser difícil empregar "todo mundo no seu sítio em Jundiá". Ironizou também — ao criticar a falta de mecanismos de ajuda aos desempregados — o salário família: "O homem desempregado não recebe salário família, como que, sem emprego, ele também ficasse sem a família — o que é uma distorção descabida".

Roberto Macedo advertiu que os desempregados, abandonados, podem começar a perguntar "que jogo é este no qual apóiam o País e são alijados". Nessas perguntas pode vir a surgir "o próprio questionamento do sistema", segundo o economista. Ao concluir, propôs ao governo "soltar o leão que faz comerciais na televisão, para que ele possa ir procurar carne onde ela realmente exista" — referindo-se aos sacrifícios impostos a alguns segmentos da sociedade.

O industrial Paulo Francini, vice-presidente da Fiesp, ao comentar a palestra de Celso Furtado, reiterou que as metas sociais não fazem parte da formulação da política econômica.